

Identidade na América Latina Pós-Moderna

Uma Reflexão a partir de *Asco* – *Thomas Bernhard em San Salvador*

Carolina Borges da Silva Luiz *

Palavras-chave: Literatura; Identidade; América Latina; Pós-modernidade.

Resumo: Este ensaio baseia-se no livro de Horacio Castellanos Moya, *Asco – Thomas Bernhard em San Salvador*, cuja representação de El Salvador provoca um questionamento sobre as possibilidades e conformações das identidades nacionais na América Latina, no fim do século XX. A análise se constrói a partir de múltiplas analogias e tal estratégia pretende inserir o pensamento de Moya na tradição do pensamento latino-americano. A ideia de que projetos violentamente derrotados deixam suas marcas no povo não é nova, mas o romance a leva ao limite, através de uma vertiginosa e irônica perspectiva pós-moderna.

Um único parágrafo, sem pausas, estende-se por quase cem páginas, num borbotão. É um desabafo, uma necessidade quase fisiológica, como o vômito causado pela náusea. O título já revela o sentimento, mas com uma palavra mais precisa: *asco*. Etimologicamente, vem de *asqueroso*, que por sua vez tem origem latina – *eschãra*, a crosta escura que encobre uma ferida em cicatrização. Octávio Paz, ao contemplar o mexicano, também entrevê uma chaga, e fornece um possível viés de reflexão sobre o *asco* fortemente expressado por Vega, o protagonista que nega, quase que completamente, suas origens salvadorenhas:

Em suma, se na festa, na bebedeira ou na confidência, nos abrimos, fazemo-lo com tal violência que nos dilaceramos e acabamos por nos anular. E diante da morte, como diante da vida, damos de ombros e oferecemos um silêncio ou um sorriso desdenhoso. (...)

Todos os nossos gestos tendem a esconder esta chaga, sempre fresca, sempre pronta a se incendiar e arder sob o sol do olhar alheio.

Ora, todo desprendimento provoca uma ferida. Não indagando como nem que momento se produziu esse desprendimento, devo notar que

* Graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

qualquer ruptura (conosco mesmo ou com o que nos cerca, com o passado ou com o presente), origina um sentimento de solidão. (PAZ, 1984, p. 60)

É indiferente se é dos mexicanos de que falava Octavio Paz pois *Asco*, romance de 1997, é esta confidência de um solitário (levemente embriagado), feita com violência e com um “sorriso desdenhoso” em forma de pastiche. Importa desnudar esta chaga e a ruptura que a causou. Edgardo Vega carrega esta ferida que enoja e que é escamoteada e espelhada em El Salvador, como se fosse o país que sangrasse, e não a sua própria escara arrancada impetuosamente. A voz discursiva também é espelhada e burlada.

O narrador é Moya, que se confunde com o autor, mas as experiências são de Vega, o protagonista. Em primeiro plano, estes antigos colegas encontram-se no bar, onde se trava o monólogo. Moya emudece diante do desabafo, sua voz narrativa seria invisível, não fosse pela advertência inicial e pelo uso assaz reiterado de “me disse Vega” e do vocativo “Moya”, recursos que marcam a distância do narrador em relação ao conteúdo do relato em segundo plano. Estas repetitivas minúcias compõem o artifício literário da “metadiegesi”:

Sendo a metalinguagem, genericamente, uma linguagem que fala de uma linguagem primeira, a metadiegesi vem a ser, analogamente, o nível da narrativa que fala do relato primeiro. (...) Consequentemente, o procedimento logra não só desenrijecer o mecanismo de recepção passiva da diegesi, mas também leva o leitor a desconstruir seu sistema referencial apoiado na disjunção dos contrários. (CHIAMPI, 2008, p. 79-80)

A mesma estratégia de *Asco* é analisada por Irlemar Chiampi em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. A metadiegesi, conforme explicado pela autora, serve ao propósito de levar o leitor a duvidar de uma “verdade ideológica” expressada através da diegesi. Tal expediente também foi utilizado por Albert Camus em *A queda*, obtendo com sucesso a construção de um narrador não confiável. Castellanos Moya, apesar do que alguns fanáticos pensaram, não elaborou uma narrativa para despertar repulsa pela cultura salvadorenha, mas sim para provocar questionamentos.

Embora carregue o epíteto de Thomas Bernhard, ícone da literatura pós-moderna, e seu estilo de verbosidade digressiva e monolítica, Vega tem um filtro, a metadiegesi.

Identidade na América Latina Pós-Moderna

Uma Reflexão a partir de *Asco* – Thomas Bernhard em San Salvador

Franz-Josef Murau, narrador personagem de *Extinção, uma derrocada*, obra de 1986 em que Bernhard desconstrói a cultura austríaca, fala diretamente ao leitor, sem freios e sem intermediários. Edgardo Vega é uma paródia, um personagem que toma emprestado o nome, o estilo e o ódio pelas próprias raízes, integrando um pastiche que exprime inquietações para as quais a resposta é apenas um “sorriso desdenhoso”. O tom insolente dissimula a real dimensão do desassossego que se abate sobre a narrativa, tal como observado por Chiampi em outras obras do “pós-boom” da literatura hispano-americana:

Seu humor ligeiro não é incompatível com a genuína historicidade, posto que traduz uma descontinuidade irônica, dentro da continuidade do passado. O “remake” ou “rework” da poética pós-moderna é um estágio necessário pra essas novas gerações de escritores que precisam incorporar para desafiar o legado dos mestres do boom e, para além deles, os sistemas homogeneizantes e totalizadores do liberalismo burguês. (CHIAMPI, 1989, p. 165)

O pastiche provoca, realiza uma crítica risível, sem propor nenhuma resolução. Autores como García Márquez ou Alejo Carpentier visitavam a “paisagem” latino-americana, apontando maravilhas e perdições, estabelecendo uma iluminação presente ou uma redenção futura. A maravilha, ilustrada por Carpentier em *Reino deste Mundo*, é aquilo que surpreende por não fazer parte do nosso repertório, é o milagre que proporciona uma epifania tempestiva. Enquanto a perdição, representada em *Cem anos de Solidão*, é o que perdemos, ou não encontramos, e que pode causar a nossa ruína, se ignorarmos os prognósticos. Edgardo Vega retorna a El Salvador depois de dezoito anos de autoexílio, mas nada o surpreende, nada é maravilhoso, pois ele ainda preserva o seu repertório salvadorenho, guardado sob as escaras de seu rompimento “com o passado” e “consigo mesmo”. Ele retorna e lhe parece que nada mudou, onze anos de guerra civil, 75 mil mortos, e nada mudou.

É preciso estar louco, sem dúvida, como você, Moya, para achar que se pode mudar algo neste país, para achar que vale a pena mudar algo, para achar que as pessoas se interessam por mudar algo, me disse Vega, nem sequer onze anos de guerra civil serviram para mudar algo, onze anos de matança e permaneceram os mesmos ricos, os mesmos políticos, o mesmo povo fodido e a mesma imbecilidade permeando o ambiente. Tudo é uma alucinação, Moya, entenda bem,(...) este país está fora do tempo e do mundo, só existiu quando houve carnificina, só

existiu graças à capacidade criminosa dos militares e dos comunistas, fora dessa capacidade criminosa não tem nenhuma possibilidade de existência, me disse Vega. (MOYA, 2013, p. 42)

A perdição é a ausência de mudança, é um patriotismo baseado em: cerveja *Pilsen*; aguardente *Muñeco*; *pupusas*; ostras; futebol; colunas sociais; e militares. O *asco* refere-se a essa forma fixada da identidade salvadorenha, assentada em elementos tão irrisórios, que não se firma verdadeiramente, ou seja, é uma alucinação, uma identidade que não existe, que só existiu durante a guerra civil. Ainda que as experiências históricas e os repertórios de Castellanos Moya e Octavio Paz sejam muito diversos, a analogia com o mexicano é profícua, pois avaliar o que a vivência da Revolução Mexicana proporcionou ao povo, oferece, por contraste, a imagem do que foi brutalmente extirpado em El Salvador.

Por meio da Revolução, o povo mexicano entra dentro de si mesmo, do seu passado e da sua substância, para extrair da sua intimidade, das suas entranhas, a sua filiação. (...)

Nossa Revolução é a outra face do México, ignorada pela Reforma e humilhada pela Ditadura. Não a face da cortesia, da dissimulação, a forma atingida à força de mutilações e mentiras, mas sim o rosto brutal e resplandescente da festa e da morte. (...) É um estouro da realidade: uma revolta e uma comunhão, um remexer de velhas substâncias adormecidas, um vir à tona de muitas ferocidades, muitas ternuras e muitas delicadezas ocultas pelo medo de ser. E com quem comunga o México nesta festa sangrenta? Consigo mesmo, com seu próprio ser. O México se atreve a ser. (PAZ, 1984, p. 134)

Ainda no início da conversa, Vega diz que se afastou de outros emigrados salvadorenhos no Canadá, que se recusava a ouvir fofocas patricias de sua mãe e que nunca buscou saber notícias da terra que abandonara por livre e espontânea vontade e aversão. Entretanto, durante o virulento discurso, ele revela conhecimento de diversos fatos ocorridos durante os dezoito anos de exílio, entre os quais aqueles onze de guerra: sabe dos “contos famélicos” e do “jornal diferente” empreendidos por Moya; sabe do destino de Olmedo, ex-colega que morreu na guerrilha, conhece inclusive condições específicas de sua morte (morreu como o poeta Roque Dalton, assassinado pelos próprios colegas guerrilheiros que o consideraram traidor); sabe do assassinato do Arcebispo Óscar Romero; do caráter psicopata do mandante deste crime, Roberto

Identidade na América Latina Pós-Moderna**Uma Reflexão a partir de *Asco* – Thomas Bernhard em San Salvador**

D'Aubuisson Arrieta; e da adoração que este major receberia mesmo depois do fim da guerra, “transmutado em estátua” (em 2006, o torturador “Maçarico Bob” teve praça e rua nomeados em sua homenagem); até a morte por câncer de garganta deste “herói nacional” era fato conhecido por Vega, entre muitos outros.

Já desconfiávamos, Edgardo Vega mente. O sôfrego e contido protagonista não odeia apenas suas origens salvadorenhas, Vega é um indivíduo extremamente desconfiado, dado a paranoias e ataques nervosos, odeia ser simpático com desconhecidos, detesta multidões, não suporta lugares fechados, não gosta de mar, nem de ostras, nem de crianças, odeia impontualidade e acha que o sexo “é viscoso e propenso a mal-entendidos” (MOYA, 2013, p. 84) – esta é uma personalidade formada “à força de mutilações e mentiras?”. Vega, na verdade, não se afastou completamente da “raça” salvadorenha, apenas elegeru novas afinidades, forjando uma nova identidade, fiando-se, talvez, na ideia de Fernando Ortiz, que “de uma cultura pode-se sair para entrar numa cultura melhor, por auto superação da cultura nativa ou por expatriação espiritual e afastamento dela” (ORTIZ, 1995, p. 594). Mas nada se perde e mesmo que tenha adquirido toda a cultura ocidental, ao se tornar um canadense professor de História da Arte, ainda assim Vega conservou nas profundezas de suas entranhas o seu repertório salvadorenho. As novas “incorporações” culturais só confirmaram o seu caráter, a sua “potência recipiendária” (LIMA, 1988, p. 181).

Edgardo Vega alega ter enfrentado “onze anos de castração espiritual” na escola dos irmãos maristas, onde suportou a “mais asquerosa submissão do espírito” provocada pela educação opressiva. Quando se libertou, sua recompensa foi toda a cultura ocidental. Coincidentemente ou não, foram onze anos de guerra civil, com o povo reprimido violentamente pelos militares, sufocado em sua expressão – a revolução. Desde 1931, o país era controlado pelos militares, através de sucessivos golpes, enquanto os movimentos populares contorciam-se numa parca resistência. Até 1981, quando diversas organizações revolucionárias reuniram-se sob a FMLN, Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional, um amplo espectro de forças políticas, de social-democratas a comunistas, se uniu para uma revolução. Dez anos de lutas de guerrilha, de mortes, de traições e disputas dentro da própria FMLN, que por fim (ou

desde o início) se contaminou: a revolução foi derrotada, mas a FMLN garantiu algumas conquistas negociadas. A revolução cedeu ao militarismo, não chegando a tornar-se uma revolução. No fim, o que os guerrilheiros da FMLN exigiam era a sua incorporação às Forças Armadas (SUE-MONTGOMERY; WADE, 2002, p.106). Conquistaram uma democracia eletiva, todavia, sem mudar as estruturas de poder.

O que restou foi “uma raça tão rasteira, tão servil, tão subserviente aos militares” de uma “domesticação abjeta da alma”. Sobreviveram permanências insignificantes, tais como a *pupusa* e a cerveja *pilsen*, e por isso matam e morrem os salvadorenhos, pelo pouco que puderam conservar de si mesmos. Aviltar estes restos é a provocação de Moya, quiçá esse pastiche queira insinuar que há mais sob estes abjetos elementos identitários, declarando que estes são apenas escaras. Essa imagem imobilizada da identidade nacional, essa noção orgulhosa, mas infrutífera, do que é ser salvadorenho é só uma casca (asquerosa) que encobre e sufoca a sua enteléquia. Assim, é construída uma nação que se enrijece e que se torna insensível em relação ao seu passado, uma nacionalidade sem história, sem literatura e sem arte. Para “se atrever a ser” é preciso desprender-se dessa casca. O próprio Vega não foi muito feliz nessa empreitada e vários de seus traços revelam uma constrição, parecendo que ele apenas vestiu uma grande máscara que esconde suas feridas, mas que também o sobrecarrega.

Labirinto da Solidão, livro magnífico de Octavio Paz, não foi bem recebido pelo público mexicano, sobre o qual tratava. Esta recepção negativa é signo da derrota da Revolução. Os mexicanos, derrotados e novamente aprisionados, não gostaram de ver no que estavam transformados, uma vez que se desconectaram de si mesmos. Também *Asco* teve uma repercussão desfavorável, e, embora tenha sido um sucesso de vendas, provocou reações violentas, inclusive com ameaças de morte ao autor. Decerto, *Asco* sugere que Moya cansou de lutar e escrever em um país que não o valorizava. Posteriormente Moya veio a de fato mudar-se do país depois de encerrar as suas atividades em um semanário que ajudou a fundar e que durou apenas um ano, entre 1995 e 1996. Outrossim, se a novela diz algo sobre Vega, para além de suas idiossincrasias antipáticas, é que ele cansou-se da opressão de uma máscara que não lhe cabia, a salvadorenha, e escolheu vestir outra, aquela da cultura cosmopolita. Por

Identidade na América Latina Pós-Moderna

Uma Reflexão a partir de *Asco* – Thomas Bernhard em San Salvador

fim, se *Asco* diz algo sobre a sociedade salvadorenha, e se podemos acreditar no que diz, é que ela define sob essa máscara que não lhe deixa respirar, que pode até ser sua, mas que se transformou numa dura casca que impede qualquer transformação, qualquer compreensão, qualquer expressão verdadeira. O salvadorenho, que carrega uma revolução ainda mais derrotada que a Mexicana, posto que nem adquiriu o status de revolução, também não “se atreve a ser” - sua expressão encerra-se nesta máscara grotesca, assassina e melindrosa, esboçada por Edgardo Vega.

Referências bibliográficas

- BERNHARD, T. **Extinção, uma derrocada**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (original: 1986)
- CAMUS, A. **A queda**. Tradução: Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2007. (original: 1956)
- CARPENTIER, A. **O reino deste mundo**. Tradução de João Olavo Saldanha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. (original: 1949)
- CHIAMPI, I. O romance hispano-americano do pós-boom: ficção historiográfica e pastiche. In: **Anais do IV encontro nacional da ANPOLL**. Recife: ANPOLL, 1989, p. 165.
- _____. **“As relações pragmáticas no Realismo Maravilhoso – A enunciação problematizada”**. O Realismo Maravilhoso. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LIMA, J. L. **“Sumas críticas do americano”**. A expressão americana. São Paulo: Brasiliense, 1988. (original: 1957)
- MÁRQUEZ, G. G. **Cem anos de solidão**. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Record, 2000. (original: 1967)
- MOYA, H. C. **Asco** – Thomas Bernhard em San Salvador. Tradução: Antônio Xerxenesky. Rio de Janeiro: Record, 2013. (original: 1997)
- ORTIZ, F. (1929). “Nem racismos, nem xenofobias”. In: Jorge Schwartz. **Vanguardas Latino-Americanas**. Polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Iluminuras/Edusp/Fapesp, 1995.
- PAZ, O. **O labirinto da solidão**. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (original: 1950)
- SUE-MONTGOMERY, T.; WADE, C. **A Revolução Salvadorenha**. São Paulo: Unesp, 2002.